



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de cooperação entre “Mesa Brasil – SESC e Fome Zero”

Confederação Nacional do Comércio – Brasília – DF, 24 de fevereiro de 2003

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Meu caro Antônio Oliveira Santos, presidente da Confederação Nacional do Comércio e do Conselho Nacional do Serviço Social do Comércio,
Meus companheiros e companheiras ministros e ministras de estado,
Dirigentes sindicais,
Empresários,
Meus caros Oded Grajew, José Graziano e Jaques Wagner, que estão na Mesa,
Governador Joaquim Roriz,
Meus companheiros e companheiras,
Senhoras e senhores,
Meu caro Lázaro Brandão, sabia que você era comerciante, sinto muita alegria em saber que você está aqui, prestigiando esse protocolo feito entre a Confederação Nacional do Comércio e o nosso Governo, para a política de combate à fome,
Senadores aqui presentes,
Senadoras,

Acabar com a fome, num país do tamanho do Brasil, com uma quantidade grande de pessoas que estão passando fome, não é uma tarefa fácil, não é uma tarefa pequena. E ela não se dará no tempo em que os apressados querem que se dê.

Transformar 43 milhões de brasileiros e brasileiras, que não têm acesso às



calorias e às proteínas necessárias à dignidade humana, é uma tarefa menos política, é uma tarefa menos social, eu poderia dizer que é uma verdadeira guerra o que nós estamos enfrentando. E esse protocolo, meu caro Antônio Oliveira, significa que você está aderindo à nossa guerra.

Eu penso que nenhum de nós, que levantamos de manhã e tomamos o nosso café, que almoçamos todo dia e que jantamos todo santo dia, pode dormir com a cabeça tranqüila, sabendo que, muitas vezes, perto da nossa casa, há uma criança desnutrida, há uma mulher que foi dormir sem ter jantado ou há um cidadão que levanta, de manhã, para trabalhar, sem ter tomado o café da manhã.

E quem vai resolver o problema da fome no Brasil não são os que estão com fome, somos nós, que comemos. Somos nós que temos a obrigação, enquanto Governo e enquanto sociedade civil, de estender a mão para aqueles que não tiveram a mesma sorte na vida que nós tivemos.

E o projeto Fome Zero não terá o sucesso que nós queremos que ele tenha, se ficar dependendo apenas do Governo. Eu disse isso no dia do lançamento, disse isso durante a discussão da confecção do Projeto e vou dizer aqui, agora, na Confederação Nacional do Comércio: a sociedade civil, pela sua dinâmica, será a única e maior responsável pelo sucesso total do projeto Fome Zero.

O Governo vai cumprir a sua parte. O Governo vai fazer o que é possível fazer, na medida do Orçamento, na medida da burocracia, na medida do convencimento a prefeitos, a governadores de Estado, na medida de convencimento a entidades organizadas da própria sociedade. Mas a sociedade civil é o mais importante elo na construção e na vitória dessa guerra. Até porque nós temos um número, seja do IBGE ou do IPEA, que afirma que temos 43 milhões de pessoas passando fome no Brasil. Outros afirmam que há 50 milhões de pessoas passando fome no Brasil.

Acho que o número, sejam 43 ou 50 milhões, é grande demais. É uma Argentina e meia que está passando fome, sob o nosso nariz. E, portanto, a gente não pode fingir que não é conosco. E “não é conosco” não é com o Governo, não é



com a sociedade, porque vocês, empresários e, sobretudo, as pessoas ligadas à área do comércio neste Brasil, também devem estar cansadas de ver, às vezes, aqueles que deveriam ser fregueses das lojas em que vocês trabalham ou das lojas que vocês dirigem entrarem para comprar alguma coisa, passarem olhando e não conseguirem comprar.

Acho que vocês também estão cansados de ver pessoas, por não terem aonde ir, dormindo na marquise de uma loja, numa calçada ou, quem sabe, pessoas que até já faleceram, como em cidades do interior de São Paulo e do Nordeste brasileiro, que só se vem a saber quase 12 horas depois.

Essa associação que a Confederação Nacional do Comércio resolve fazer com o projeto Fome Zero, levando, em nível nacional, experiências bem-sucedidas em alguns estados, fortalece dentro de mim a convicção de que estamos no caminho certo.

No nosso meio, há sempre aqueles apressados, aqueles que dizem assim: “Não adianta fazer isso. Isso não resolve o problema. É dar migalhas para as pessoas. É dar um prato de comida. O que precisamos é gerar emprego, o que precisamos é gerar riqueza.” Quando chegarmos a isso, teremos ensinado as pessoas a pescarem. Mas ainda não chegamos a esse ponto. Então, não temos que ter vergonha de enfrentar o debate, dizendo que não estamos fazendo proselitismo, não. Não estamos dando esmola a ninguém. Até porque a fome, em lugar nenhum do mundo, levou o ser humano à revolução. A fome leva sempre à submissão. A fome leva o ser humano a se tornar um pedinte, presa fácil, na época das eleições, de muitos políticos brasileiros, que utilizam a pobreza como forma de se perpetuarem no poder neste país.

Enquanto a gente não pode fazer a economia crescer, o que é o nosso desejo, enquanto a gente não pode gerar os empregos que quer gerar – e, logo, logo, estaremos lançando um projeto de geração de empregos, neste país –, eu quero dizer: muito obrigado a vocês, por estenderem a mão e contribuírem para dar um prato de comida a quem não tem comida neste país.



Essa não é uma tarefa menor. É uma tarefa muito grande, porque quem toma café, almoça e janta, muitas vezes, não tem nenhuma obrigação de sentir a dor de uma pessoa que está sem comer. E todos sabemos que neste país ainda morrem crianças, aos milhares, por desnutrição. Sabemos que, em muitos lugares deste país, crianças vão para a escola e não conseguem aprender porque não ingeriram vitamina A e, portanto, sequer têm facilidade de enxergar o que um professor ou uma professora coloca num quadro negro de uma escola.

E o Governo não pode ficar parado, esperando o paraíso acontecer para fazer as coisas que têm que ser feitas. Nós vamos fazer cada coisa no seu momento. Tudo pode esperar. Qualquer coisa no mundo pode esperar. Quem está com fome não pode esperar. Quem está com fome precisa comer.

E é uma vergonha que, num país de 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, num país que tem o potencial agrícola que tem o Brasil, num país que não tem maremoto, que não tem terremoto, que não tem vulcão, que não tem geada, que não tem neve, que não tem nada, a gente ainda sobreviva com as mesmas coisas que Josué de Castro disse no seu livro “Geografia da Fome”, escrito em 1946. Ou seja, há quase 60 anos se discute o problema da fome neste país. E entra Governo, sai Governo, entra deputado, sai deputado, entra senador, sai senador, entra presidente da Confederação Nacional do Comércio e sai presidente, entram governantes e mais governantes, ministros e mais ministros e o resultado continua o mesmo: o povo continua mais pobre do que antes.

Penso que o Brasil deu uma oportunidade a si mesmo. Não será um milagre de um Presidente da República. Acho que será um milagre da sociedade brasileira. Se cada entidade empresarial, se cada pessoa que tenha alma e consciência política neste país resolver adotar essa campanha, o Governo não precisa nem saber, porque não queremos a paternidade do resultado. Se alguém na sua cidade, se alguém na sua vila, se alguém na sua comunidade quiser fazer alguma coisa, pelo amor de Deus, faça. Não fique esperando o Governo. Faça, porque o que nós queremos não é ver a cor da semente, o que nós queremos é ver o resultado que



essa semente vai dar, se a sociedade brasileira assumir para si a responsabilidade de acabar com a fome no nosso país.

E, concomitantemente, nós temos que pensar na recuperação do crescimento da economia. Nós temos que pensar na redução de juros neste país. E vocês sabem que a situação do nosso país não é das melhores. Um país do tamanho do Brasil não poderia estar tão dependente e fragilizado como está, hoje, diante do capital internacional.

A nossa economia já poderia estar crescendo. Mas vai crescer. Vai crescer porque eu levanto a cada dia, mais otimista com o Brasil. Não há indicador social, não há número de previsão de inflação que me faça perder o otimismo com que eu estava no dia 1º de janeiro, quando tomei posse neste país.

O povo e Deus me deram uma oportunidade. Eu nem critico ninguém, porque eu disse, na reunião dos governadores, outro dia: eu, talvez, seja o único Presidente da República que não pode criticar ninguém, pelo que eu fizer e pelo que eu não fizer. Porque, desde 1982, eu venho dizendo: quero ganhar as eleições para provar a mim mesmo que eu sou capaz de fazer tudo aquilo que eu sempre achei que os outros deveriam fazer. Ou seja, quero atender às minhas próprias reivindicações. Aquilo que, ao longo de muitos e muitos anos, eu consegui construir com milhões e milhões de mulheres e homens, neste país, eu quero, agora, tornar realidade.

E quero dizer a vocês que, quando a gente vem a um lançamento de um protocolo como este de hoje, em que uma instituição importante, como o SESC, assina com o Governo um projeto de transformar uma atividade, que tinha experiências bem-sucedidas em muitos estados, numa tarefa nacional do SESC, eu sou obrigado a dizer para vocês: saio daqui mais otimista do que levantei hoje de manhã.

Porque vocês estão lembrados do que eu disse um dia: eu vou começar fazendo o necessário; depois eu vou fazer o possível e, quando menos esperar, nós estaremos fazendo o impossível.



Para os incrédulos, que não acreditam numa coisa chamada “sociedade civil” e que ficam, anos após anos, esperando que o Governo faça tudo, como se o Governo fosse uma espécie de Deus, o impossível começa a acontecer nesse protocolo.

Todos os empresários do comércio, neste país, através da sua Confederação Nacional e através do SESC, estão dizendo: “Combater a fome não é uma tarefa do Graziano. Combater a fome não é uma tarefa do presidente Lula. Combater a fome é uma obrigação de todos que ainda têm dignidade e respeito pelo ser humano, neste país.”

Muito obrigado e vamos em frente.

/mcpro/lrj